

Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br

PROJETO DE PESQUISA COLETIVA

Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

ANNA BROCKES

1852-1940

(Celeste Ribeiro de Sousa)

2012

Os dois cegos*

Anna Brockes

Há muito tempo atrás, certamente há mais de 200 anos, tudo era diferente na cidade de mineração de Thrahyras. Na verdade, as árvores nos jardins e nos arredores, depois das primeiras chuvas, reluziam no mesmo prodigioso verde tenro, como hoje, e, nelas, se engalfinhavam, exatamente como agora, bandos de papagaios aos gritos. Nas pontas afiadas das palmas de Macaúba, balançavam os ninhos engenhosamente tecidos do João Congo, esse divertido palrador, exatamente como hoje. Exatamente como hoje, também as águas cristalinas do rio Thrahyra marulhavam no leito de seixos. Exatamente como hoje, também naquela época, por sobre o universo, o céu ria em azuis esplêndidos e o vento sibilava tão brincalhão, purificando e refrescando as vastas planícies.

Mas a cidade de Thrahyras, onde nossa história se passa, e da qual hoje apenas restam tristes ruínas e muitos escombros, vivia então seu maior esplendor.

Onde hoje, nas ruas e nas praças em frente à prefeitura, os filhos dos mestiços, de barrigas inchadas, de tez terrosa, nus ou

* Tradução de Jael Glauce da Fonseca e Ingrid Maria Santos da Silva. Brockes, Anna. *Die beiden Blinden*. Texto inédito encontrado no Arquivo do Instituto Martius-Staden. Revisão de Celeste Ribeiro de Sousa.

vestidos com camisas rasgadas, se acocoram apáticos, onde os cães esquálidos - tão típicos de Goiás - vagueiam em busca de algo apetecível para comer, ali pavoneavam-se, naquela época, portugueses abastados, exibindo suas vestes de seda e suas mulheres e filhas enfeitadas de ouro e preciosidades, a cabeça coberta por valiosos véus de renda, levando à frente, na mão, o lençinho bordado, e atrás seguindo uma guarda de honra de escravas negras retintas, de cabelos crespos. Da "Cadeia", de muros de quase um metro de espessura, não muito distante da prefeitura, escapavam, por entre as grades duplas de madeira dura de "Aroeira", os lamentos e gemidos dos pobres torturados ou daqueles com as mãos e os pés presos nos blocos de madeira. A maioria, pobres escravos negros.

Foi numa manhã de domingo que ocorreu a história trágica que vou narrar. Onze horas. Acabara a missa, os sinos tocam nas torres das três igrejas, decoradas no seu interior com esculturas de madeira e pesados objetos de prata! Acabara a missa! O povo sai das igrejas em borbotões, contente por ter cumprido mais uma vez os deveres religiosos. Com satisfação, cada um se apressa em direção a casa, onde, entretanto, a cozinheira ou o cozinheiro negro preparara a refeição. (Naquela época, talvez fossem mais asseados que hoje, esses artistas da cozinha!)

Dois cegos acocorados nos degraus da porta da "Matriz", da igreja principal, um, à direita, outro, à esquerda, estendem os seus chapéus à multidão, sem se achegarem a ela, enquanto murmuram uma prece. Desolados, cada um conta os "vinténs" dentro do chapéu. São concorrentes, esses dois, e cada um acha, que a esmola, hoje, foi mais fraca que antes. - "*Ai de mim!*" suspira o cego que estava à esquerda, - "como isso vai terminar? Eu vou acabar morrendo de fome!" Retruca o outro, - "*É de vera*". É verdade! É como sempre digo, se não fôssemos assim bons um para o outro, não haveria neste mundo consolação para nós, pobres cegos! Se alguém me

desse um vintém a mais, com certeza iria dividi-lo com você!” “Amigo, irmão!”, retorna o cego sentado à esquerda que se aproxima mais do outro, - “como poderei retribuir o seu amor? Deixe-me abraçá-lo! Vamos jurar amizade eterna! Toda a esmola que recebermos no futuro, vamos repartir fraternalmente!”

Enquanto isso, um homem, que ouviu a conversa dos dois, aproxima-se, “estou compadecido com o destino de vocês! Aqui estão cinquenta “mil reis”, dividam-nos entre vocês de forma fraternal, como prometeram”. Ao que um deles grita: “Passe a metade!” “Foi você quem recebeu o dinheiro!” “Passe você minha parte!”, assim disse o outro. “Mentiroso – velhaco, trapaceiro!” Diziam um ao outro da direita à esquerda, até que os dois se pegam pelos cabelos e rolam pela rua. “Parem com isso, seus tolos, parem de brigar”, gritou o homem, “nenhum dos dois vai receber o dinheiro! Era uma brincadeira, só queria testar a amizade de vocês!” Disse isso e afastou-se.

Os dois ficaram tristes e envergonhados. Lágrimas de verdade brotaram de seus olhos apagados. Por muito tempo, ficaram calados e desconsolados; por fim, um voltou-se para o outro. -“Ai de nós, miseráveis! Por que ainda estamos neste mundo, onde qualquer um pode zombar de nós e destruir cruelmente nossa recente amizade, sem ser castigado?!” - “O, pobres de nós, cegos”, suspirou o outro, - “nem a nossa amizade nos é concedida! Venha, vamos dar um fim nisso, vamos à ponte do rio Thrahyra buscar a morte juntos!” E assim aconteceu; tateando pela praça e pelas ruas, dirigiram-se à ponte em arco sobre o rumorejante rio Thrahyra.

No caminho, ambos se inclinaram, entre as grandes pedras em que tropeçavam pegaram uma e a levaram consigo. No meio da ponte pararam, se abraçaram e se deram beijos de despedida, e um foi para a esquerda e outro para a direita da ponte. Então, um gritou:- “Agora preste atenção! Vou contar até três. Depois a gente

se atira. Um! Dois! Três!” Ambos ouviram atentamente. Tibum! Ouviu-se de um lado. Tibum! Ouviu-se do outro.

“*De ti estou livre!*” gritou um. “*De meu corpo estou livre, mas minha alma está aqui!*”, respondeu o outro, enquanto o primeiro fugia desesperado, mais rápido do que seria de supor num cego, pois acreditara realmente ter ouvido um espírito.

E, de novo, os dois sentaram-se em frente à porta da Matriz, separados pela largura da escadaria e separados pela inveja e pelo ressentimento.